

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

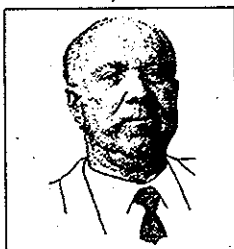
Os 500 anos – da lenda dourada à lenda negra

Primero, foi a lenda dourada que todos conhecemos. Aos olhos maravilhados do descobridor e dos primeiros viajantes europeus, o Brasil surgia como o próprio Paraíso terreno, o Eldorado exuberante de riquezas mirríficas e povoado por habitantes fabulosos, o Jardim do Éden, cenário de uma vida inocente, anterior ao pecado, ao envelhecimento e à morte, fértil em alimentos para o corpo e o espírito.

Pero Vaz de Caminha descreve os indígenas vivendo no mesmo estado de inocência do primeiro homem. Américo Vesputio repete idêntica versão e escreve que, ao aproximar-se do Brasil, parecia entrar no Paraíso, tal a abundância e o verdor das plantas e o colorido das flores, com seus perfumes delicados, além do sabor delicioso das frutas e das raízes. E o sóbrio asceta jesuíta padre Manuel da Nóbrega refere, em carta, que “quem queira viver no paraíso terreal deve vir ao Brasil”. Na mesma linha seguem os depoimentos do *Diálogo das Grandezas*, do padre Azeña, do padre Simão de Vasconcelos e de tantos outros visionários de imaginação arrebatada, para não dizer delirante.

Essa projeção imaginativa da vida edênica nas novas terras acabadas de descobrir estava em perfeita consonância com o alvorecer das utopias do Renascimento, que celebraram na Europa a abertura da Modernidade, que seria toda ela, do começo ao fim e de alto a baixo, marcada pelo idealismo e pela utopia. O idealismo, senhores positivistas e senhores marxistas, é a sombra que pesa sobre a Modernidade, fora da qual não conseguem saltar nem o positivismo nem o marxismo.

Pois bem, passados 500 anos da descoberta do Brasil, o cenário ideológico dominante é outro. Aquela lenda dourada do encontro entre o Velho e o Novo Mundo foi negada ferozmente e



Não andam sempre misturados na História o bem e o mal, as luzes e as trevas?

substituída pela lenda negra do Descobrimento. A lenda negra pinta o descobridor europeu como uma besta-fera sem entradas, que destruiu sumariamente tudo e todos que se atravessassem no seu caminho, reduzindo a cacos as culturas nativas e massacrando sem dó nem piedade as pobres populações ameríndias indefesas, sem nada acrescentar de bom e valioso em troca. Só no Brasil se calcula que cerca de 4 milhões de índios tenham ficado reduzidos, no correr dos séculos, a um punhado melancólico de bugres que mal dá para povoar uma reserva ecológica.

A festa dos 500 anos, tão badalada na imprensa e pelos governos de aquém e além-mar, não passaria da celebração de um genocídio monstruoso, que prossegue enlutando até hoje aquele povo livre e inocente que vivia tão feliz antes da chegada do homem branco. O eminente historiador José Murilo de Carvalho não hesita em escrever: “Se as palavras não são para encobrir as coisas, só há uma expressão para descrever o que se passou desde 1500: conquista com genocídio dos índios, seguida de colonização com escravidão africana. Daí viemos, em cima disso foram construídos os alicerces de nossa sociedade” (*Folha de S. Paulo*, 3/10/99).

Muito bem, colocada nesses termos a tese indigenista e xenófoba, ela tem de ser enfrentada com a mesma nitidez e clareza com que vem formulada. Sem meias-palavras, sem rodeios, cumpre indagar.

Primeiro: o genocídio cometido na América e no Brasil constituiu um fato histórico comprovado? A resposta é sim. Foi um fato mais do que provado, de proporções monstruosas, revoltante e imperdoável para toda consciência moral, um dos maiores pecados do homem branco. Feio feito.

Segundo: desde quando a História do homem se pauta, estrita-

mente, pelo critério normativo da justiça, da bondade e do respeito do mais fraco pelo mais forte? Talvez na sangrenta China dos imperadores, fértil na invenção de suplicios nunca antes vislumbrados? Quem sabe entre os assírios e os babilônios, que faziam guerra com os vizinhos jogando bombons e água de cheiro? Ou entre os egípcios, os persas ou os gregos, que passavam o tempo brincando com inocentes soldadinhos de chumbo? Ou, talvez, no curso do Império Romano, quando a paranóia sanguinolenta de muitos Césares transformava a vida cotidiana num pesadelo? Sem esquecer da Idade Média, quando cristãos e muçulmanos se esfolavam uns aos outros, e até um varão justo como Carlos Magno não hesitava em passar pelo fio da espada tribos inteiras de bárbaros refratários, sem distinguir entre mulheres, velhos e crianças. Reconhecer tamanhas barbaridades não significa sancioná-las, mas sugerir que, no estado natural, o homem é sempre “o lobo para o homem (não do homem)” e a justiça e a bondade são valores a serem constituídos posteriormente pela cultura.

Terceiro: será que a contribuição do homem branco no Brasil e na América se limitou ao genocídio dos povos nativos e à destruição de sua cultura, sem que tenha acrescentado mais nada em matéria de princípios civilizatórios, de religião, de arte, de direito, de moral, de tecnologia, de pensamento, de ciência, decisivos para a formação da nossa personalidade nacional e da nossa identidade cultural? Será que o homem branco só trouxe a devastação? Ou introduziu, ao mesmo tempo, certas instituições, certos princípios e valores essenciais para a nossa vida e nossa cultura? Não andam sempre misturados na História o bem e o mal, as luzes e as trevas, o ouro com a ganga bruta? E a imaculada flor de lótus acaso não nasce do lodo, como o nome está dizendo?

Em suma, será que não valeu a pena construir o Novo Mundo, este onde respiramos e que lutamos para aperfeiçoar? No caso do Brasil, seria melhor que, após a chegada de Cabral, os portugueses se fizessem ao largo para

sempre, abandonando aqueles homens e mulheres cor de cobre à bem-aventurança paradisíaca? Será razoável, será honesto pensar de forma desiderativa em relação ao passado, desejando que algo benéfico tivesse ocorrido ou que algo maléfico não ocorresse? Em sua coerência absoluta, esse coro de lamentações em torno das comemorações das descobertas significa a ousadia de tentar inverter o relógio da História, forçando seus ponteiros a andar para trás, e não para a frente. Uma utopia *au rebours*, projetada sobre o pretérito perfeito. Certo vício de esquizofrenia ideológica, nessa pretensão absurda de que a História passada não fosse como foi, e sim como *deveria* ser. Não é isso o idealismo em sua versão mais perversa?

O genocídio cometido nas Américas pelo homem branco foi criminoso e indesculpável, mas nem por isso pode desqualificar por inteiro a obra conjunta de brasileiros e ibéricos na construção do Brasil e das suas nações irmãs. Pela mesma razão, o holocausto dos judeus levado a efeito pelos nazistas não pode desqualificar a Alemanha como um todo, nem a Inquisição pode comprometer a Igreja na sua essência e totalidade.

O procedimento dos nossos nativistas, brasileiros e latino-americanos, se acompanhado pelos países europeus, produziria um quadro dos mais bizarros. Na França, os remanescentes dos gauleses se uniriam para protestar contra a invasão romana e a conversão dos gauleses ao cristianismo. Na Inglaterra, os últimos anglos e saxões fariam outro tanto. Na Alemanha, ainda com mais força, soariam protestos wagnerianos contra a romanização e a cristianização dos loiros e felizes habitantes das florestas negras. E assim por diante.

O nativismo, disfarçado de progressismo e de defesa do pluralismo racial e cultural, constitui a forma mais radical e perversa do reacionarismo e está na base de movimentos como o nazismo, o fundamentalismo muçulmano e o extremismo hebreu.

■ Gilberto de Mello Kujawski acaba de publicar *O Sabor da Vida (ensaios)* e *O Elmo de Mambrino*. Para este último, pedidos pelo fone 3104-0128